

ALTERNATIVAS DE SUPERAÇÃO DA SOCIEDADE UNIDIMENSIONAL A PARTIR DE HERBERT MARCUSE¹

Renê Ivo da Silva Lima*

RESUMO: O artigo tem como objetivo apresentar, de acordo com o pensamento de Herbert Marcuse, alternativas de superação da sociedade unidimensional. Para tanto, a pesquisa apresenta como Marcuse desenvolve os conceitos de “automação” e “catalisador” nas obras *O homem unidimensional* e *Ensaio sobre a libertação*. O problema que esta pesquisa levanta é o seguinte: quais são as alternativas de superação da sociedade unidimensional? A conclusão a qual chegamos é que a automação e os catalisadores são, respectivamente, alternativas internas e externas capazes de iniciar a ruptura da sociedade unidimensional na medida em que se apresentam como contradições da ordem social estabelecida.

PALAVRAS-CHAVE: Forças internas. Forças externas. Utopia.

AUTOMATION, REVOLUTION AND EMANCIPATION: ALTERNATIVES TO OVERCOME ONE-DIMENSIONAL SOCIETY, FROM HERBERT MARCUSE

ABSTRACT: The article aims to present, according to the thought of Herbert Marcuse, alternatives for overcoming the one-dimensional society. To this end, the research presents how Marcuse develops the concepts of "automation" and "catalyst" in the works *The one-dimensional man* and *Essay on liberation*. The problem that this research raises is the following: what are the alternatives for overcoming the one-dimensional society? The conclusion we reach is that automation and catalysts are, respectively, internal and external alternatives capable of initiating the rupture of the one-dimensional society insofar as they present themselves as contradictions of the established social order.

KEYWORDS: Internal forces. External forces. Utopia.

¹ Este artigo, aqui com algumas alterações, constitui o terceiro capítulo da monografia “Alternativas de superação da sociedade unidimensional em Herbert Marcuse: um estudo sobre *O homem unidimensional*”, de minha autoria, defendida em 2017 sob a orientação do prof. Me. John Karley de Sousa Aquino (IFCE).

* Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas “Atualidade do Pensamento de Herbert Marcuse”. Email: reneivo@hotmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5208415662639119>

Introdução

“Se introduzes o novo entre os cabeças-ocas,
parecerás um diletante, não um sábio.”

(Eurípides)

“Quanto mais os eventos derem tempo à
humanidade pensante para se concentrar e à
humanidade sofredora para juntar forças,
tanto mais bem-formado chegará ao mundo
o produto que o presente carrega no seu
ventre.”

(Marx)

“No século XX, o objeto do riso não é a
multidão conformista, mas o excêntrico que
ainda se aventura a pensar autonomamente.”

(Horkheimer)

Lenin, no primeiro capítulo do livro *O Estado e a revolução*, nos diz que os grandes revolucionários sempre foram perseguidos, caluniados e difamados não só pela classe dominante, mas também por setores do próprio movimento revolucionário (oportunistas). Tal perseguição mostrava-se como uma tentativa de calar e paralisar a teoria e prática capaz de libertar a classe trabalhadora e iniciar a construção de uma sociedade emancipada. Nas palavras do próprio Lenin: “Os grandes revolucionários foram sempre perseguidos durante a vida; a sua doutrina foi sempre alvo do ódio mais feroz, das mais furiosas campanhas de mentiras e difamação por parte das classes dominantes” (LENIN, 2010, p. 25).

Marx, Trotsky e Marcuse, para citar apenas alguns exemplos, foram algumas das vítimas do ódio dos reacionários e falsos revolucionários que surgiram e surgem no desenvolvimento da história da luta de classes. Assim, para citar como exemplo, em virtude de suas contribuições para o *Vorwärts*, especialmente um artigo em que elogia a rebelião dos tecelões na Silésia, Marx, em 1845 foi obrigado a sair da França². Da mesma forma Trotsky, em “O testamento de Leon Trotsky”, publicado no livro *Moral e revolução: a nossa moral e a deles* demonstra que jamais estabeleceu acordos com os

² Leandro Konder, no seu *Marx: vida e obra*, conta que “Frederico Guilherme IV pressionou, então, o governo francês. Guizot – que na época, era Ministro do Interior da França – acabou por determinar que os principais colaboradores do *Vorwärts* (entre os quais Heine, Bakunin e Marx) fossem expulsos do país” (KONDER, 2015, p. 53).

inimigos da classe trabalhadora³. Por fim, Marcuse, que ao criticar o tipo de socialismo que estava sendo imposto na U.R.S.S. stalinista, foi acusado de ser um pré-marxista, um não marxista e até mesmo um antimarxista.

Dessa maneira, o que esses três pensadores têm em comum – para destacar apenas um elemento – é o fato de terem lutado contra toda e qualquer forma de opressão da classe dominante sobre a classe dominada, dedicado toda sua vida à emancipação humana, à construção de uma nova sociedade, ou seja, terem permanecido até o fim de suas vidas verdadeiros revolucionários. Com isso, o artigo tem como objetivo apresentar, de acordo com o pensamento de Herbert Marcuse, alternativas de superação da sociedade unidimensional⁴. O problema que esta pesquisa levanta é o seguinte: quais são as alternativas de superação da sociedade unidimensional?

Diante disso, o que nos levou a desenvolver essa pesquisa foi a importância de apresentar as contribuições de Marcuse para a elaboração da libertação da classe oprimida, visto que na história da luta de classes as forças reacionárias e conservadoras estão a todo momento preparadas para impedir a realização das possibilidades de desenvolvimento da emancipação dos homens e mulheres da classe dominada.

Sendo assim, na primeira seção desse artigo apresentamos o que são as forças de negação interna, na segunda seção fazemos a exposição do que são as forças de negação externa e, por fim, na terceira seção apresentamos a possibilidade da efetivação da utopia, isto é, de uma sociedade emancipada. A conclusão a qual chegamos é que a automação e os catalisadores são, respectivamente, alternativas internas e externas capazes de iniciar a ruptura da sociedade unidimensional na medida em que se apresentam como contradições da ordem social estabelecida.

1 Forças de negação interna

³ Trotsky escreve: “Não preciso mais uma vez refutar aqui a calúnia vil de Stalin e seus agentes: não há uma só mancha sobre minha honra revolucionária. Não entrei, nem direta nem indiretamente, em nenhum acordo, ou mesmo em nenhuma negociação de bastidores, com os inimigos da classe operária. Milhares de adversários de Stálin tombaram, vítimas de falsas acusações” (TROTSKY, 1978, p. 77).

⁴ Sociedade unidimensional é a sociedade estabelecida. É a sociedade que tenta integrar toda e qualquer oposição ao modo de vida existente; é a ordem social que tenta absorver toda e qualquer forma de contestação das relações sociais vigentes; é a organização social que tenta refutar toda e qualquer alternativa de construção de uma sociedade qualitativamente diferente.

A partir do começo do século XX, a sociedade capitalista dá início ao desenvolvimento de um “novo estágio”, Marcuse denomina essa fase de “sociedade industrial avançada”. Uma das principais distinções desse estágio da sociedade capitalista é a união entre produtividade e destrutividade, isto é, ao mesmo tempo em que ela produz um crescente padrão de vida, também produz exploração e destruição dos seres humanos e da natureza. Nessas sociedades o aperfeiçoamento da tecnologia cria as condições para o desenvolvimento de uma produtividade cada vez maior e a produtividade cria as condições para o desenvolvimento do fornecimento de um elevado padrão de vida. Este, por sua vez, torna-se um incentivo ao aprimoramento tecnológico.

O desenvolvimento dessa relação social – a união entre produtividade e destrutividade – possibilitou que a maioria dos membros da classe dominada começasse a participar de confortos que, nos estágios anteriores da sociedade capitalista, eram privilégio exclusivo da classe burguesa. Nas sociedades industriais avançadas os confortos oferecidos à classe dominada por meio do aumento do poder de compra e consumo de produtos supérfluos contribui de maneira decisiva para a perpetuação da dominação. O conforto torna a dominação aceitável e até mesmo agradável.

A maioria dos membros da classe dominada tem medo de perder os confortos existentes, quer dizer, tem medo de perder o conforto de sua casa comprada e reformada com o empréstimo do banco ou, medo de por em risco o prazer de ir para o trabalho e voltar dele na comodidade de seu automóvel popular zero quilômetro. Os indivíduos olham com desconfiança e algumas vezes até mesmo com aversão a qualquer discurso e atitude que possa causar-lhe a perda de seu aparelho celular ou da sua roupa de marca. Desse jeito, o conformismo à sociedade estabelecida parece tornar-se a regra, enquanto a contestação dessa forma de vida parece tornar-se a exceção.

O conformismo acaba por criar a sensação e a noção de que todos os problemas, contradições podem ser resolvidos dentro dos limites da sociedade existente e por ela mesma e, por conseguinte, todo pensamento e comportamento que recuse as leis e regras da organização social existente são inimigos do “bem-estar” das pessoas. As forças de pensamento crítico, de contestação da forma de vida estabelecida ou são relegadas ao esquecimento, ou são administradas, ou são fadadas a lutar até a exaustão sem nenhum sucesso. Com a paralisia da crítica prevalece o pensamento e comportamento unidimensional.

O pensamento e comportamento unidimensional é o tipo de pensar e agir que não consegue perceber a contradição das coisas, em outras palavras, não consegue perceber como um determinado objeto ou relação social pode se transformar no seu contrário, como uma coisa ruim pode se transformar numa coisa boa. Ser unidimensional significa compreender as coisas numa única dimensão, compreender o objeto única e exclusivamente como ele está, mas não como ele poderia e deveria ser. Unidimensional é a característica do pensamento que não consegue enxergar as potencialidades não realizadas contidas no real. O predomínio desse tipo de consciência e atitude é em grande medida o responsável pela redução da consciência e práxis revolucionária da classe dominada e, por conseguinte, responsável pelas dificuldades na construção de uma sociedade emancipada.

No entanto, mesmo com toda essa conjuntura pessimista Marcuse mostra-se fiel a dialética marxista, ele denuncia e põe em evidência as contradições da sociedade estabelecida e compreende e reconhece as alternativas de superação da sociedade capitalista. Marcuse não se entrega ao derrotismo nem se limita ao reformismo, o seu pensamento está sempre direcionado a descobrir as tendências que podem contribuir com a libertação humana. Nesse sentido, o filósofo apresenta como a sociedade existente contem as possibilidades de sua própria destruição. No dizer do próprio Marcuse “o ‘clima’ das sociedades estabelecidas transporta o vírus da revolução” (MARCUSE, 1977, p. 37).

O aperfeiçoamento cada vez maior e melhor da tecnologia proporcionado com o desenvolvimento das sociedades industriais avançadas, não produziu apenas novas formas de controle e dominação do pensamento e comportamento revolucionário da classe dominada, também produziu condições materiais e espirituais para o fim da opressão do homem sobre o homem, de uma classe sobre outra classe. Essas condições são tanto internas ao modo de produção capitalista, quanto externas à sociedade existente. A primeira é um resultado do progresso técnico, ou seja, do aprimoramento do processo produtivo, a *automação*; a segunda se origina de tendências de pensamento e comportamento crítico, os *catalisadores*. Nas próprias palavras de Marcuse,

Há tendências dissidentes internas e externas. Uma delas é inerente ao próprio progresso técnico, a saber, a *automação*. Sugerir que a automação em expansão é mais que um crescimento da mecanização quantitativa – ou seja, é uma mudança no caráter das forças

produtivas básicas. Parece que a automação até os limites da possibilidade técnica é incompatível com uma sociedade baseada na exploração privada da força humana de trabalho no processo de produção (MARCUSE, 2015, p. 68).

O desenvolvimento da automação⁵ não significa apenas uma questão de quantidade relativa à redução do trabalho físico e aumento do trabalho mental⁶, ela também se refere a uma mudança na organização do modo de produção. Com a automação do trabalho surgem “novas” forças produtivas capazes de trabalhar por maior tempo e produzir uma maior quantidade de produtos com o mínimo de intervenção humana possível. Ademais, é nesse processo de automação que se encontra uma das contradições mais perigosas do modo de produção capitalista, a saber: a impossibilidade de se medir o tempo ou a quantidade de trabalho gasto na produção de uma determinada mercadoria. Marcuse afirma que

De acordo com Marx, a máquina nunca cria valor, mas meramente transfere seu próprio valor ao produto, enquanto a mais-valia permanece sendo o resultado da exploração do trabalho vivo. A máquina é a personificação do poder de trabalho humano e, por seu intermédio, o trabalho passado (trabalho morto) se preserva e determina o trabalho vivo (MARCUSE, 2015, p. 62).

Segundo Marcuse, “a automação parece alterar qualitativamente a relação entre o trabalho morto e o trabalho vivo (...)” (MARCUSE, 2015, p. 62), ela conseguiu desenvolver novas relações sociais de produção nas quais a produtividade está deixando de ser determinada pelo tempo e a quantidade de trabalho executada por cada indivíduo. Com a automação a produtividade está sendo cada vez mais determinada pela máquina

⁵ “Automação é um sistema que emprega processos automáticos que comandam e controlam os mecanismos para seu próprio funcionamento. Esta palavra tem origem no grego *autómatos* que significa *mover-se por si* ou *que se move sozinho*. A automação é um sistema que faz uso de técnicas computadorizadas ou mecânicas com o objetivo de dinamizar e otimizar todos os processos produtivos dos mais diversos setores da economia. A ideia de automação está diretamente ligada à ideia das máquinas, que agilizam as tarefas quase sempre sem a interferência humana”. Disponível em: <https://www.significados.com.br/automacao/> Acesso em: 01 dez. 2017 às 22h e 33min.

⁶ Segundo Marcuse, “A mecanização está reduzindo crescentemente a quantidade e a intensidade de energia física despendida no trabalho” (MARCUSE, 2015, p. 59). “Nas sociedades industriais avançadas, o desenvolvimento da tecnologia introduziu no processo de produção mudanças até então desconhecidas, a invenção de novas máquinas e o aperfeiçoamento dos antigos instrumentos de produção mudaram o modo de trabalho a ser executado. Desse modo, o trabalho físico está sendo substituído pelo trabalho mental, a atividade a ser exercida não depende mais única e exclusivamente da força corporal, agora ela depende em grande parte do “esforço mental”. A tarefa *lógica* ganha cada vez mais espaço no processo de produção daquelas sociedades” (IVO, 2019, p. 103).

e cada vez menos determinada pelo rendimento do trabalhador. Além disso, a automação impede a medição do rendimento individual do trabalhador:

A automação é, em seu sentido mais amplo, com efeito, o *fim* (end) da medida do trabalho. (...) Com automação, não se pode medir a produção de um homem isolado; agora só se mede a utilização do equipamento. Se isso é generalizado como uma forma de princípio (...) não há mais, por exemplo, nenhuma razão para se pagar um homem por peça ou por hora, ou seja, não há mais razão para se manter o ‘sistema duplo de pagamento’ de salários e ordenados (BARKIN, 1958, p. 8 *apud* MARCUSE, 2015, p. 62-3).

Com a redução do rendimento individual que cria valor e a impossibilidade de medi-lo surgiria ao mesmo tempo a impossibilidade de apropriação da mais-valia, já que ela é também resultado da apropriação privada pelo capitalista do excedente do tempo e da quantidade de força de trabalho despendida no processo de produção. Assim, a automação levada às últimas consequências poderia tornar-se o “coveiro” da sociedade capitalista porque destruiria a quantidade e o tempo de trabalho como fontes da criação de riqueza social⁷.

Na sociedade estabelecida, onde prevalece a automação detida, as consequências do surgimento dessas novas forças produtivas são mais negativas do que propriamente positivas⁸, mas com uma automação total do trabalho a situação seria invertida e os

⁷ “Com o avanço da indústria de grande escala, a criação de riqueza real depende menos do tempo de trabalho e da quantidade de trabalho gasto que do poder dos agentes (*Agentien*) postos em movimento durante o tempo de trabalho. Esses agentes e seu poder de eficácia não são proporcionais ao tempo de trabalho imediato que sua produção requer; sua eficácia depende antes do nível atingido pela ciência e pelo progresso técnico; em outras palavras, depende da aplicação dessa ciência à produção. (...) Assim, o trabalho humano não apareceria mais incluído no processo de produção – o homem se relaciona com o processo de produção muito mais como supervisor e regulador (*Wächter und Regulator*). (...) Ele fica fora do processo de produção em vez de ser o principal agente no processo de produção. (...) Nessa transformação, o grande pilar da produção e da riqueza não é mais o trabalho imediato executado pelo próprio homem, nem seu tempo de trabalho, mas a apropriação de sua própria produtividade (*Produktivkraft*) universal, isto é, seu conhecimento e seu domínio da natureza através de sua existência social – em uma palavra: o desenvolvimento do indivíduo social (*des gesellschaftlichen Individuums*). *O roubo do tempo de trabalho alheio, sobre o qual ainda repousa hoje a riqueza [social]*, aparece então como uma base miserável, comparada com as novas bases que criaram a própria indústria em larga escala. Tão logo o trabalho humano, em sua forma imediata, deixe de ser a grande fonte de riqueza, o tempo de trabalho cessará e deverá necessariamente deixar de ser a medida da riqueza, e o valor de troca deverá necessariamente deixar de ser a medida do valor de uso. *O trabalho excedente da massa* [da população] terá deixado de ser a condição para o desenvolvimento da riqueza social (*des allgemeinen Reichthums*) e o ócio de alguns terá deixado de ser a condição para o desenvolvimento das faculdades universais intelectuais do homem. O modo de produção que se apoia no valor de troca entrará em colapso. (...)” (MARX, 1953, p. 592 ss. *apud* MARCUSE, 2015, p. 68-9).

⁸ A dimensão opressiva da automação está no seu desenvolvimento incompleto, ao qual Marcuse denomina de automação *detida*. Para o filósofo, a forma de trabalho exaustivo “é expressiva da

caminhos para a libertação seriam finalmente construídos. Assim, os indivíduos da classe dominada não seriam mais dominados e controlados pelas leis e regras do aparato de produção, eles o organizariam de acordo com seus próprios interesses. O aparato seria direcionado para promover a pacificação da existência, a satisfação das necessidades e o desenvolvimento das capacidades de todos os seres humanos. Segundo Marcuse,

Por trás de todos os aspectos desumanos da automação organizada pelo capitalismo aparecem suas possibilidades reais: o surgimento do mundo tecnológico, em que finalmente o homem pode se furtar ao aparato de seu trabalho, podendo se retirar do mesmo e contemplá-lo – para então ser livre para fazer experiências com ele (MARCUSE, 2006, p. 44).

À medida que o conhecimento humano se desenvolve possibilita a criação de uma sociedade cada vez menos dependente do trabalho exaustivo, este se torna cada vez mais desnecessário à medida que a inteligência humana cria uma nova máquina ou desenvolve um novo programa automático capaz reduzir a tarefa do indivíduo apenas ao ato de supervisionar e regular o trabalho. Quanto mais a criatividade científica da humanidade é aplicada com vistas a aprimorar o processo produtivo, tanto mais se torna supérflua a presença física do indivíduo no local de trabalho durante oito horas por dia. Quanto mais automático se torna o trabalho tanto mais independente o homem se torna da labuta e mais tempo livre ele adquire para usufruir de sua própria vida e desenvolver suas próprias necessidades.

Pela primeira vez em suas vidas os homens e mulheres poderiam ser quase inteiramente dispensados do trabalho exaustivo e se dedicarem ao tipo de atividade que mais estivesse de acordo com suas potencialidades e, simultaneamente, pela primeira vez poderiam utilizar o aparato social para construir uma vida melhor para todos os indivíduos. Esse seria o momento da história da humanidade no qual as pessoas utilizariam suas inteligências para o desenvolvimento do modo de produção a tal ponto que ele se tornaria um sujeito, um autômato⁹ quase inteiramente independente de qualquer esforço físico humano.

automação *detida, parcial*, da coexistência de setores automatizados, semi--automatizados e não automatizados dentro da mesma fábrica (...)" (MARCUSE, 2015, p. 60).

⁹ Segundo Abbagnano, no seu *Dicionário de filosofia*, “autômato” significa “O que se move por si, em geral, uma coisa inanimada que se move por si ou, mais especificamente, um aparelho mecânico que

O próprio aparato se torna literalmente em sujeito: esta é praticamente a definição do autômato. E na medida em que o próprio aparato se converte em sujeito, rechaça o homem enquanto trabalhador serviçal, para liberá-lo enquanto homem que pensa, conhece, faz experiências, joga e brinca. Liberação da necessidade da intervenção serviçal humana – eis a lei da racionalidade tecnológica (MARCUSE, 2006, p. 44-45).

A automação do trabalho abriria uma nova dimensão na existência das pessoas, a dimensão do tempo livre¹⁰; nela os indivíduos estariam livres para construir relações sociais qualitativamente diferentes, formas de vida guiadas pela sua própria razão e espontaneidade; “Com menos horas trabalhadas sobraria mais tempo livre, que poderia ser destinado para o pleno fomento das potencialidades humanas” (SILVA, 2013, p. 6). Nessa dimensão a necessidade de viver, viver bem e viver melhor seria uma das mais importantes necessidades que os homens e mulheres estariam interessados em satisfazer, a vida seria dedicada ao desenvolvimento da criatividade, da invenção e da imaginação. A realização individual e coletiva seria a lei a ser cumprida na nova sociedade. Segundo Marcuse,

Se a automação se tornasse o processo de produção material, revolucionaria a sociedade como um todo. (...) A completa automação no reino da necessidade abriria a dimensão do tempo livre na qual a existência privada e social do homem se constituiria. Essa seria a transcendência histórica para uma nova civilização (MARCUSE, 2015, p. 69).

A dimensão do tempo livre surgiria então como uma relação social fundamental para a construção de uma sociedade emancipada, sob ela os seres humanos disporiam de liberdade para pensar sobre a organização de suas próprias vidas e da sociedade, disporiam de tempo livre para discutir as questões objetivas e subjetivas da vida. Aqui, as capacidades de cada um seriam postas a serviço de todos e vice-versa, seriam organizadas e direcionadas racionalmente, isto é, seriam organizadas e direcionadas

realiza algumas das operações consideradas próprias do animal ou do homem” (ABBAGNANO, 2007, p. 97).

¹⁰ Marcuse. no livro *O homem unidimensional* distingue entre tempo livre e tempo de lazer. Este “floresce na sociedade industrial avançada, mas é não-livre no sentido em que é administrado pelos negócios e pela política” (MARCUSE, 2015, p. 78, nota 46). Isabel Loureiro, no artigo *Herbert Marcuse – Anticapitalismo e emancipação* afirma que “Marcuse distingue tempo livre e lazer: o primeiro pode ser associado ao ócio criativo dos antigos, o segundo é o lazer administrado do capitalismo avançado” (LOUREIRO, 2005, p. 13, nota 17).

para a promoção e valorização da vida. Os valores existentes seriam qualitativamente diferentes: união, solidariedade e cooperação seriam os valores que teriam de ser incentivados para a pacificação da existência.

É nesse sentido que a automação torna-se uma tendência inerente à sociedade estabelecida capaz de romper sua sólida estrutura, é desse modo que a automação transforma-se numa alternativa de superação da sociedade industrial avançada. Porém, a automação por si só não constrói a emancipação, ela necessita da classe trabalhadora para fazer a revolução e levar o processo de automação às suas últimas consequências. No entanto, a classe trabalhadora está integrada demais para compreender e efetivar a sua tarefa revolucionária.

2 Forças de negação externa

Com o progresso da tecnologia a sociedade estabelecida conseguiu aumentar a produtividade e, dessa maneira, conseguiu fornecer confortos a uma quantidade cada vez maior dos integrantes da classe dominada, conseguiu fornecer comodidades até então nunca experimentados pela maioria dos membros da classe trabalhadora. Esses confortos, ao mesmo tempo que possibilitam uma aparente “melhoria” na vida das pessoas – através da compra e consumo de bens e serviços supérfluos – também cria conformismo à sociedade existente e reduz a necessidade de uma revolução. Portanto, há um processo de constante integração do sujeito histórico da transformação social.

No entanto, para Marcuse na própria sociedade estabelecida existem tendências capazes de desintegrar a classe trabalhadora, elas estão dispostas a fazer com que a classe dominada compreenda e sinta mais uma vez a necessidade de superar a sociedade existente, essas tendências Herbert Marcuse denomina de *catalisadores*. Os catalisadores são “tendências de desintegração existentes na sociedade unidimensional, que podem romper a consciência administrada da classe trabalhadora e reativar seu pensamento e práxis revolucionária” (IVO, 2016, p. 1). Segundo Marcuse,

Assistimos, sim, à formação de grupos, ainda relativamente pequenos e fracamente organizados (muitas vezes desorganizados), os quais, em virtude da sua consciência e das suas necessidades, funcionam como catalisadores potenciais de revolta dentro das maiorias a que, pela sua origem de classe, pertencem (MARCUSE, 1977, p. 74).

Os catalisadores compreendem as contradições da sociedade existente e sentem a necessidade de transformá-la, eles não se conformam com o que está posto, pois percebem que o modo de vida da sociedade estabelecida está levando a humanidade à barbárie e poderá destruir de uma vez por todas os seres humanos e a natureza. Essas forças de desintegração combatem o modo de pensamento e comportamento unidimensional e dirigem sua teoria e ação para o esclarecimento do papel revolucionário da classe dominada. Os catalisadores sabem que “Romper a consciência administrada constitui hoje mais do que nunca uma pré-condição da libertação” (MARCUSE, 2006, p. 45).

E romper a dominação e a administração da consciência da classe dominada requer pensar no “plano da contradição”, isto é, ser capaz de reconhecer a partir das relações sociais existentes as possibilidades de alteração da velha ordem social em uma nova ordem social, ser capaz de expressar a diferença qualitativa. Pensar nesse plano significa compreender que as coisas não têm apenas uma única dimensão, mas uma multiplicidade de dimensões, ou seja, que um determinado objeto pode servir tanto a perpetuação da dominação quanto para a construção da libertação, contem os germes de sua própria destruição. “Dito de outro modo: o pensamento no plano da contradição precisa tornar-se mais negativo e mais utópico frente ao existente” (MARCUSE, 2006, p. 45).

Desse modo, os catalisadores, como forças de negação externa “são as forças sociais que representam necessidades e objetivos que estão reprimidos no todo antagônico existente, não podendo desdobrar-se” (MARCUSE, 1972, p. 164). Essas necessidades e objetivos são a paz, a solidariedade, a satisfação das necessidades básicas, a redução ao mínimo do tempo de labuta, a ampliação ao máximo do tempo livre, enfim, a elaboração de novas relações sociais qualitativamente diferentes. As forças de negação externa não podem fazer desdobrar essas necessidades e objetivos porque não têm força suficiente para efetivar tal tarefa revolucionária.

É somente o proletariado enquanto sujeito revolucionário que pode destruir a repressão que restringe o desdobramento dessas necessidades e objetivos, daí a relação entre forças de negação externas e a classe trabalhadora. Os catalisadores precisam da força da classe dominada para efetivar seus objetivos e interesses, a classe trabalhadora precisa compreender e sentir os objetivos e necessidades que os catalisadores trazem

consigo. Para Marcuse, na década de 60 existiam pelo menos cinco catalisadores capazes de romper a consciência administrada da classe dominada e iniciar a ruptura da sólida estrutura da sociedade estabelecida. De acordo com o filósofo, os catalisadores são:

primeiro, os movimentos de libertação nacional nos países subdesenvolvidos; segundo, a “nova estratégia” do movimento operário na Europa; terceiro, os estratos não privilegiados da população na própria sociedade do bem-estar; quarto, os intelectuais de oposição¹¹ (MARCUSE, 1972, p. 202).

Esses catalisadores, através das suas formas de resistência e luta¹² mostram que é possível construir uma nova organização social, eles são a contradição viva que a sociedade existente tem que conter para que possa continuar a perpetuar sua dominação. Por meio das suas formas de resistência e luta os catalisadores mostram as contradições brutais de desvalorização da vida no *status quo* e, ao mesmo tempo, as possibilidades para o surgimento de uma sociedade emancipada, para a construção da utopia.

3 A utopia

No início de seu surgimento o conceito de utopia¹³ sempre conteve um significado revolucionário, entretanto, com o passar do tempo “O termo ‘utopia’ recebeu uma conotação pejorativa, como ‘sonho’, ‘fantasia’, algo que não se realiza (ou não se realizará) (...)” (OLIVEIRA, 2012, p. 63). Desse modo, o conceito de utopia ganhou um sentido deturpado no qual o seu conteúdo crítico e revolucionário foi quase totalmente esquecido. O falso sentido de utopia como algo “impossível” que não pode

¹¹ Marcuse afirma ainda que “A essas quatro categorias é possível anexar mais uma, (...) isto é, as sociedades comunistas existentes enquanto potências que podem, mais cedo ou mais tarde, entrar em choque com as sociedades capitalistas” (MARCUSE, 1972, p. 202).

¹² Nos limitamos a apresentar apenas as formas de resistência e luta dos catalisadores feita na citação anterior por Marcuse: 1º a luta armada, 2º a reconstrução dos *soviets*, 3º a condição miserável de sua própria vida e 4º o desenvolvimento de uma educação crítica.

¹³ Abbagnano, no seu *Dicionário de filosofia* explica que “Thomas More deu esse nome (utopia) a uma espécie de romance filosófico (*De optimo reipublicaestatu deque nova insula Uopia*, 1516), no qual relatava condições de vida numa ilha desconhecida denominada U.: nela teriam sido abolidas a propriedade privada e a intolerância religiosa. Depois disso, esse termo passou a designar não só qualquer tentativa análoga, tanto anterior quanto posterior (...), mas também qualquer ideal político, social ou religioso de realização difícil ou impossível” (ABBAGNANO, 2007, p. 987).

ser feito e nem acontecer, um simples devaneio, ajudou a relegar o seu significado revolucionário ao esquecimento.

Para o marxismo, a utopia depende tanto do nível de desenvolvimento das forças produtivas de uma dada sociedade quanto da fantasia, da capacidade dos homens e mulheres de imaginarem novas formas de se relacionarem com a natureza e uns com os outros; essa utopia está, ao mesmo tempo, vinculada e desvinculada ao presente histórico. A utopia se relaciona ao estágio social presente porque sua realização depende da libertação das potencialidades reprimidas por esse modo de organizar a vida. Ao mesmo tempo, a utopia se desvincula da realidade presente no sentido de que direciona as capacidades libertadas para ajudar os indivíduos na criação de um novo projeto de vida.

Segundo Robespierre, “O projeto utópico descreve não apenas o que o homem é, mas também o que pode ser” (OLIVEIRA, 2012, p. 64). Aqui, a utopia também adquire um caráter crítico, pois não se conforma com a mera descrição do que os indivíduos são na realidade presente que restringe o desenvolvimento humano. Nessa realidade as pessoas são meros instrumentos de trabalho exaustivo utilizados para gerar lucro à classe dominante, o caráter crítico da utopia se apresenta na medida em que ela prescreve formas de existência qualitativamente diferentes e antagônicas às formas de vida existente. O caráter crítico da utopia se afirma quando ela exige que o que parece “impossível” se torne possível.

A utopia revela aqui seu caráter crítico: a demanda pelo o impossível não é exigir o que não se pode, mas a demanda por uma outra racionalidade pela qual o impossível não seja apenas o impraticável, mas o horizonte emancipável das realizações humanas (CARNEIRO, 2016, p. 120).

A utopia não é a sociedade impossível, ela é a sociedade da razão, da liberdade e da felicidade que já se tornou possível de ser efetivada devido ao nível de desenvolvimento alcançado pelas forças produtivas na sociedade estabelecida.

Considerações finais

Portanto, a automação e os catalisadores são, respectivamente, tendências internas e externas capazes de iniciar a ruptura da organização social das sociedades

industriais avançadas na medida em que se apresentam como contradições da sociedade existente. A automação, levada às suas últimas consequências pode reduzir o tempo de trabalho exaustivo a um tempo mínimo e, conseqüentemente, liberar os indivíduos da obrigação de ganhar a vida por meio da labuta (trabalho exaustivo). Em suma, a automação pode desenvolver a dimensão do tempo livre na qual os seres humanos poderiam construir novas relações sociais.

Entretanto, a automação por si só não produz a emancipação humana. A classe dominada, por meio da revolução socialista precisa tomar o controle do modo de produção e organizar e direcionar o progresso tecnológico para automação total do processo produtivo. Essa é a tarefa revolucionária da classe dominada, mas ela está integrada demais para percebê-la. Os catalisadores, com suas formas de resistência e luta são tendências externas capazes de reativar o pensamento e comportamento revolucionário da classe dominada e, dessa maneira, fazê-la sentir e compreender mais uma vez a necessidade de superação da sociedade unidimensional.

Referências bibliográficas:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CARNEIRO, S. R. G. Utopia: do impossível como político. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*. São Paulo, v. 2, n. 29, 2016, pp. 107-121. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/124489/120982> Acesso em: 01 jul. 2017.

IVO, R. O sentido do conceito “catalisador” na teoria crítica de Herbert Marcuse. In: II Encontro Nacional Herbert Marcuse: Contenção, Contestação e Perspectivas de Emancipação. 2, 2016, Fortaleza, Anais, Fortaleza, p. 1-12.

IVO, R. Tecnologia, trabalho e revolução: estudo sobre o progresso tecnológico no mundo trabalho a partir de Herbert Marcuse. *Occursus – Revista de Filosofia*. Fortaleza, v. 4, n. 1, 2019, pp. 95-113. Disponível em: <http://seer.uece.br/?journal=Occursos&page=article&op=view&path%5B%5D=3701&path%5B%5D=2682> Acesso em: 05 fev. 2020.

KONDER, L. *Marx: vida e obra*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

LENIN, V. I. *O Estado e a revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução*. Tradução de Aristides Lobo. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LOUREIRO, Isabel. Herbert Marcuse – anticapitalismo e emancipação. *Trans/Form/Ação*. São Paulo, v. 28, n. 2, 2005, pp. 7-20. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v28n2/29411.pdf> Acesso em: 23 jul. 2017.

MARCUSE, Herbert. *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

MARCUSE, Herbert. Prefácio. In: _____. *Cultura sociedade. vol. I*. Tradução de Wolfgang Leo Maar, Isabel Maria Loureiro e Robespierre de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

MARCUSE, Herbert. *Um ensaio sobre a libertação*. Tradução de Maria Ondina Braga. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

MARCUSE, Herbert. A obsolescência do marxismo. In: MARCUSE, Herbert; ADORNO, Theodor; HABERMAS, Jüger. *As opções da esquerda*. Tradução de. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

MARCUSE, Herbert. “Sobre o conceito de negação na dialética”. In: _____. *Ideias sobre uma teoria crítica da sociedade*. Tradução de Fausto Guimarães. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

OLIVEIRA, Robespierre de. “Marcuse entre filosofia e marxismo: da filosofia concreta à teoria crítica”. In: _____. *O papel da filosofia na teoria crítica de Herbert Marcuse*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

SIGNIFICADOS (Dicionário On-line) Disponível em: <https://www.significados.com.br/automacao/> Acesso em: 01 dez. 2017 às 22h e 33min.

SILVA, R. C. Tecnologia e emancipação em Herbert Marcuse. In: Jornadas Internacionales Actualidad de la Teoria Crítica. 1, 2013, Rosário, Anais, Rosário, p. 1-10.

TROTSKY, Leon. *Moral e revolução: a nossa moral e a deles*. Tradução de Octaviano de Fiore. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.